

A SOCIEDADE PALIATIVA E A NEGAÇÃO DA DOR NA CONTEMPORANEIDADE

DOI: 10.5281/zenodo.20045489

Ana Cláudia Medeiros

Cristiane Bezerra Peres Araújo

Edna Cleiva Alves dos Santos

Janaina Teixeira de Oliveira Farias

Margarida Maria Barbosa Bezerra

Mayanne de Medeiros Pereira

RESUMO: Este artigo analisa a obra Sociedade Paliativa de Byung-Chul Han, discutindo a forma como a sociedade contemporânea desenvolveu mecanismos de negação e anestesia da dor. A partir de uma abordagem teórica e bibliográfica, o estudo investiga como práticas como a medicalização excessiva, o consumo desenfreado, o entretenimento contínuo, o uso intensivo das redes sociais e o culto ao desempenho funcionam como estratégias de alívio imediato do sofrimento, impedindo sua elaboração simbólica e emocional. O artigo dialoga com autores como Sigmund Freud, Zygmunt Bauman e Hannah Arendt para aprofundar a compreensão dos efeitos sociais e subjetivos da fuga da dor, destacando a fragilização dos vínculos humanos, o empobrecimento do pensamento crítico e a imposição de uma positividade excessiva. Conclui-se que, ao negar a dor como parte constitutiva da experiência humana, a sociedade paliativa não elimina o sofrimento, mas o torna difuso e silencioso, contribuindo para o aumento do esgotamento psíquico e da desumanização. Reconhecer a dor, portanto, apresenta-se como um gesto ético e reflexivo essencial para a construção de uma vida mais autêntica e consciente.

Palavras-chave: Dor; Sociedade paliativa; Positividade; Subjetividade.

ABSTRACT: This article analyzes the work The Palliative Society by Byung-Chul Han, discussing how contemporary society has developed mechanisms for denying and anesthetizing pain. Based on a theoretical and bibliographic approach, the study investigates how practices such as excessive medicalization, rampant consumerism, continuous entertainment, the intensive use of social media, and the cult of performance function as strategies for immediate relief from suffering, preventing its symbolic and emotional elaboration. The article engages in dialogue with authors such as Sigmund Freud, Zygmunt Bauman, and Hannah Arendt in order to deepen the understanding of the social and subjective effects of the flight from pain, highlighting the weakening of human bonds, the impoverishment of critical thinking, and the imposition of excessive positivity. It is concluded that, by denying pain as a constitutive part of the human experience, the palliative society does not eliminate suffering but renders it diffuse and silent, contributing to increased psychic exhaustion and dehumanization. Recognizing pain, therefore, emerges as an ethical and reflective gesture essential to the construction of a more authentic and conscious life.

Keywords: Pain; Palliative society; Positivity; Subjectivity.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

1 INTRODUÇÃO

A dor sempre ocupou um lugar central na experiência humana e, historicamente, foi reconhecida não apenas como sofrimento, mas também como um impulso para a criatividade. Ao longo do tempo, diversos artistas transformaram suas dores individuais e coletivas em expressão estética, produzindo músicas, poemas, pinturas e obras literárias que atravessam gerações. A arte, nesse sentido, surge como espaço de elaboração do sofrimento, permitindo que a dor seja simbolizada, compartilhada e ressignificada.

Na literatura, autores como Clarice Lispector exploraram profundamente a dor existencial, o vazio e a angústia como elementos constitutivos da subjetividade humana. Na poesia, Sylvia Plath transformou o sofrimento psíquico em versos intensos e confessionais, revelando a complexidade da dor interior. Na música, compositores como Chico Buarque abordaram dores sociais, políticas e afetivas, dando voz a experiências silenciadas. Já nas artes visuais, a obra de Frida Kahlo é marcada pela transformação da dor física e emocional em imagem, identidade e resistência.

Esses exemplos mostram que, longe de ser apenas algo a ser evitado, o sofrimento sempre esteve ligado à criação, à reflexão e à produção de sentido. No entanto, na sociedade contemporânea, observa-se uma mudança significativa nessa relação com a dor. Em *Sociedade Paliativa*: a dor hoje, Byung-Chul Han argumenta que vivemos em uma cultura que rejeita o sofrimento e busca constantemente o alívio imediato, substituindo a elaboração pela anestesia emocional.

Segundo o autor, a sociedade atual não apenas evita a dor, mas também perde a capacidade de compreendê-la e de transformá-la em experiência significativa. Essa negação do sofrimento impacta diretamente a subjetividade, empobrece as relações humanas e dificulta processos de reflexão crítica. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo analisar o conceito de sociedade paliativa proposto por Han, articulando-o com reflexões filosóficas, sociológicas e artísticas, a fim de compreender os efeitos da negação da dor na vida contemporânea.

2 O conceito de Sociedade Paliativa

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Byung-Chul Han utiliza o termo “sociedade paliativa” como metáfora para descrever uma organização social que, assim como os cuidados paliativos, busca apenas aliviar sintomas, sem enfrentar as causas profundas do sofrimento. Para o autor, “a sociedade contemporânea perdeu a capacidade de lidar com a dor” (HAN, 2021).

Nesse modelo social, a dor não é interpretada como experiência formadora, mas como uma falha a ser eliminada. Essa lógica está profundamente ligada à cultura do desempenho, na qual o indivíduo deve estar sempre funcional, produtivo e emocionalmente estável. Qualquer interrupção desse fluxo — como o sofrimento psíquico — passa a ser vista como disfunção.

Essa análise dialoga com o pensamento de Zygmunt Bauman, especialmente com o conceito de Modernidade Líquida, título de seu livro. Para o autor, a sociedade contemporânea é marcada pela fragilidade dos vínculos, pela recusa de compromissos duradouros e pela dificuldade de sustentar experiências profundas, que exigem tempo, responsabilidade e enfrentamento das frustrações. Relações, trabalhos e identidades tornam-se cada vez mais instáveis e descartáveis, justamente porque implicam riscos e possíveis sofrimentos.

Nesse contexto, a dor passa a ser vista como algo ameaçador, pois exige permanência, elaboração e envolvimento. Assim como na sociedade paliativa descrita por Byung-Chul Han, a modernidade líquida evita aquilo que provoca desconforto, optando por soluções rápidas e superficiais. O sofrimento, em vez de ser compreendido como parte da experiência humana, é tratado como falha a ser eliminada. Dessa forma, tanto a sociedade paliativa quanto a modernidade líquida revelam um medo estrutural da dor e da permanência, o que resulta em relações frágeis, experiências rasas e sujeitos cada vez mais incapazes de lidar com a profundidade da vida.

3. A fuga da dor e a anestesia social

Um dos principais argumentos desenvolvidos por Byung-Chul Han é que a sociedade contemporânea criou mecanismos cada vez mais sofisticados de fuga da dor. Em vez de enfrentar o sofrimento como parte essencial da existência, busca-se silenciá-lo rapidamente por meio de práticas que promovem alívio imediato. Entre essas estratégias destacam-se o uso excessivo de medicamentos, o consumo exagerado, o entretenimento constante, a dependência das redes sociais e, de forma paradoxal, o trabalho em excesso. Esses elementos atuam como

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

verdadeiros anestésicos sociais, impedindo que o indivíduo entre em contato com suas angústias e frustrações.

A medicalização da vida cotidiana ocupa lugar central nesse processo. Tristeza, luto, ansiedade e cansaço — experiências humanas naturais — passam a ser tratadas como disfunções que precisam ser corrigidas rapidamente. Medicamentos ansiolíticos, antidepressivos e estimulantes são utilizados não apenas para tratar doenças, mas para manter o sujeito funcional, produtivo e emocionalmente estável. Nesse sentido, a dor deixa de ser escutada e elaborada, tornando-se apenas um sintoma a ser eliminado. Como afirma Han, “a dor hoje não é compreendida, mas eliminada” (HAN, 2021).

Além dos medicamentos, o uso de drogas lícitas e ilícitas também aparece como forma de fuga do sofrimento. O consumo de álcool, substâncias psicoativas e estimulantes revela a tentativa de alterar estados emocionais, evitar o vazio e suspender temporariamente a angústia. Essas práticas reforçam a lógica paliativa, destacada por Han, pois oferecem alívio imediato sem enfrentar as causas profundas do mal-estar. O sofrimento, assim, não desaparece, apenas é adiado ou mascarado.

O consumo excessivo e o entretenimento constante cumprem função semelhante. Comprar, assistir, rolar telas e manter-se ocupado o tempo todo tornam-se estratégias para evitar o silêncio e a reflexão. As redes sociais intensificam esse processo ao oferecerem estímulos, falsa validação e uma aparência constante de felicidade. Nesse ambiente, não há espaço para a dor, para a pausa ou para a introspecção. A vida passa a ser vivida na superfície, marcada pela distração permanente.

Paradoxalmente, o trabalho excessivo também se configura como forma de anestesia social. Na sociedade do desempenho, o sujeito se mantém constantemente ocupado para não entrar em contato com seu próprio sofrimento. O excesso de trabalho funciona como fuga da dor emocional, do vazio existencial e dos conflitos internos. Nesse contexto, estar cansado torna-se socialmente aceitável, enquanto estar triste ou fragilizado é visto como fracasso. O indivíduo prefere o esgotamento pelo excesso de trabalho ao enfrentamento da dor.

Essa análise é vista nos estudos de Sigmund Freud, que, em *O mal-estar na civilização*, afirma que o sofrimento é inerente à vida social e que sua repressão não o elimina, mas o faz retornar sob outras formas, como ansiedade, angústia e adoecimento psíquico. Ao tentar

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

suprimir a dor, a sociedade contemporânea apenas a desloca, tornando-a mais dispersa, silenciosa e difícil de ser reconhecida, como se a dor estivesse camuflada.

Dessa forma, a anestesia social característica da sociedade paliativa não conduz à superação do sofrimento, mas ao seu aprofundamento. Ao evitar a dor, o indivíduo perde a capacidade de elaborá-la, compreendê-la e transformá-la em experiência significativa. O resultado é uma sociedade aparentemente confortável, mas emocionalmente fragilizada, incapaz de lidar com o sofrimento de forma consciente e crítica.

4. Crítica à positividade e ao desempenho

Outro ponto importante da obra de Byung-Chul Han é a crítica à positividade excessiva, característica marcante da sociedade contemporânea. Atualmente o contexto social fala sobre felicidade constante, sucesso individual e alta produtividade. Nessa lógica, o sofrimento deixa de ser compreendido como parte da condição humana e passa a ser interpretado como falha pessoal, fraqueza ou incapacidade de adaptação.

A exigência de positividade da sociedade manifesta-se, inclusive, em situações de dor extrema. Espera-se que o indivíduo “encontre algo de bom” mesmo diante de acontecimentos profundamente traumáticos, como a morte de um pai ou de uma mãe, a perda de um emprego ou o rompimento de vínculos significativos. Essa atitude revela o caráter violento da positividade excessiva, pois transforma experiências legítimas de luto e sofrimento em algo que precisa ser rapidamente superado ou disfarçado. Perguntar o que há de positivo na perda de alguém amado ou na insegurança provocada pelo desemprego não é apenas inadequado, mas desconsidera a complexidade da experiência humana.

Segundo Han, essa lógica elimina a negatividade necessária à reflexão e à crítica. A dor, quando negada, deixa de cumprir seu papel transformador, pois é justamente o desconforto que impulsiona o pensamento, o questionamento e a mudança. Ao impor a obrigação de estar sempre bem, a sociedade impede que o indivíduo elabore o sofrimento de forma profunda e consciente, favorecendo o silenciamento emocional e a superficialidade das relações.

Essa crítica dialoga com o pensamento de Hannah Arendt, que defende a importância do pensamento crítico como forma de resistência às estruturas que desumanizam o sujeito. Para Arendt, pensar implica interromper o fluxo automático da vida cotidiana, o que muitas vezes

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

ocorre em momentos de crise e dor. Ao eliminar a negatividade, a sociedade da positividade enfraquece essa capacidade reflexiva, tornando os indivíduos mais conformados e menos críticos diante das injustiças sociais.

Além disso, a positividade excessiva está diretamente relacionada à lógica do desempenho. O sujeito deve ser produtivo mesmo em meio ao sofrimento, mantendo eficiência, entusiasmo e rendimento constante. Não há espaço para a pausa, para o luto ou para a fragilidade. Dessa forma, a positividade não liberta, mas oprime, pois impõe uma norma emocional inalcançável. O resultado é o aumento do esgotamento psíquico, da culpa e da sensação de inadequação, especialmente quando as condições sociais e emocionais tornam impossível sustentar essa exigência.

Assim, a crítica de Han evidencia que a positividade, quando transformada em obrigação, perde seu caráter humano e se torna instrumento de controle. Reconhecer a dor, permitir o luto e aceitar a fragilidade não são sinais de fracasso, mas condições essenciais para uma experiência de vida mais autêntica e verdadeiramente humana.⁵ A importância da dor na constituição da subjetividade

Contrapondo-se à lógica paliativa, Han defende que a dor possui valor existencial. Para o autor, “uma vida sem dor perde profundidade” (HAN, 2021). O sofrimento, embora desconfortável, possibilita reflexão, autoconhecimento e transformação.

A dor rompe a superficialidade da vida cotidiana e permite experiências mais autênticas. Sem ela, o indivíduo torna-se incapaz de criar vínculos profundos, compreender o outro e reconhecer seus próprios limites. Nesse sentido, a dor não deve ser romantizada, mas reconhecida como parte constitutiva da condição humana.

5. Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender como a sociedade contemporânea, descrita por Byung-Chul Han como sociedade paliativa, constrói uma relação de negação e fuga da dor. Ao rejeitar o sofrimento como parte constitutiva da experiência humana, essa sociedade passa a buscar o alívio imediato por meio da medicalização da vida, do consumo excessivo, do entretenimento constante, da hiperconectividade e do trabalho em

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

excesso. Tais estratégias não eliminam o sofrimento, mas o silenciam, tornando-o difuso, invisível e dificilmente elaborável.

Ao dialogar com autores como Zygmunt Bauman, Sigmund Freud e Hannah Arendt, foi possível perceber que a negação da dor não é um fenômeno isolado, mas está profundamente ligada à fragilidade dos vínculos, à repressão do mal-estar e ao enfraquecimento do pensamento crítico. A sociedade paliativa, ao evitar conflitos e negatividades, compromete a capacidade reflexiva dos indivíduos e empobrece as relações humanas, transformando experiências profundas em vivências superficiais e descartáveis.

A crítica à positividade excessiva mostrou-se central nesse debate. A exigência de felicidade constante e desempenho contínuo impõe ao sujeito uma norma emocional desumana, na qual não há espaço para o luto, a pausa ou a fragilidade. Diante disso, sofrer passa a ser interpretado como fracasso pessoal, e não como experiência legítima da condição humana. Essa lógica, longe de promover bem-estar, contribui para o aumento do esgotamento psíquico, da culpa e do sentimento de inadequação.

Em contraposição a essa perspectiva, Byung-Chul Han defende a importância da dor na constituição da subjetividade. A dor, embora indesejável, possui valor existencial, pois possibilita reflexão, autoconhecimento e transformação. É por meio do sofrimento que o indivíduo se confronta com seus limites, constrói vínculos mais profundos e atribui sentido às experiências vividas. Negar a dor significa, portanto, negar também a possibilidade de uma vida mais autêntica.

Dessa forma, conclui-se que enfrentar a dor não implica romantizá-la ou glorificá-la, mas reconhecê-la como parte inevitável da existência humana. Em uma sociedade marcada pela anestesia emocional e pela superficialidade das relações, refletir sobre a dor torna-se um gesto de resistência ética e existencial. Recuperar o direito de sofrer, de elaborar o luto e de viver a negatividade é condição fundamental para a construção de sujeitos mais conscientes, críticos e verdadeiramente humanos.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HAN, Byung-Chul. Sociedade paliativa: a dor hoje. Petrópolis: Vozes, 2021.